

OFÍCIO DE LEITORA: UM OFÍCIO EM LIBERDADE

Reader's Craft: A Craft in Freedom

Aimée G. Bolaños
 Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
 Universidade de Ottawa – Canadá
bolanosaimée@gmail.com

RESUMO

A partir da experiência como pesquisadora e docente de literatura que, sendo leitora, escreve ficção, o presente artigo integra reflexões sobre o ofício. Nesta intenção, recorre a temas de poética e autopoética, vivências e comentários sobre dois livros, *Las Otras (Antología mínima del Silencio)* e *Escribas*, que aprofundam, em vidas imaginárias e autoficção, modos compositivos fundamentais no projeto autoral.

PALAVRAS-CHAVE: leitura literária; autopoética; vidas imaginárias; autoficção.

ABSTRACT

From the acquired experience as researcher and literature professor, in addition to being a reader who writes fiction, this article integrates reflections on the craft. With this intention, it makes use of poetic and autopoetic themes, experiences and comments on two books: *Las Otras (Antología minimal del Silencio)* and *Escribas*, that deepen, in imaginary lives and self-fiction, fundamental compositional modes in the authorial project.

KEYWORDS: literary reading; autopoetic; imaginary lives; self-fiction.

Felicidade grande, e não clandestina, estar aqui, agradeço!¹ Apresento-me: sou professora de literatura, deve ser por isso que me convidaram para esta aula que só encaro confiando na benevolência de vocês. Inicialmente gostaria de compartilhar a surpresa comigo quando comecei a me identificar como “leitora e escriba de ficção”, identidade ambígua que supõe assunto (leio e escrevo ficção), mas também a própria natureza ficcional (sou ficção) como autora e leitora.

Sobre isso: vocação, ministério, mistério, experiências criativas, tudo referido à leitura da ficção, vamos conversar hoje, com a intenção de abrir um espaço de reflexão sobre este ofício, de leitores literários neste caso, entendido como práxis, vocação, profissão. Ofício pragmático e mítico, no qual acontecem metamorfoses de todo tipo e iluminações, ofício que só poderá ser realizado em liberdade. Como sentencia Jorge Luis Borges o verbo ler não suporta o imperativo, a leitura é uma forma de felicidade. E certamente a presença de Borges no umbral destas palavras não é casual porque na sua autoria a literatura constitui-se como escritura de uma leitura e sua condição de leitor o leva à escritura, dialética que está no fundamento de sua poética e prática artística.

Estou pensando naquele “Pierre Menard, autor del *Quijote*”, que se transforma em autor lendo o romance, como o próprio Quixote quando lê os livros de cavaleiros andantes. Menard, a quem sempre considerei uma figura simbólica sem referente histórico, é um tipo de leitor “maluco” que se transforma no próprio escritor quando copia letra por letra o *Quijote* de Miguel de Cervantes, dando forma a um

¹ O presente texto foi motivado pelo convite para uma aula magna do curso de Letras (2019) na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), que não chegou a ser realizada por diversas circunstâncias. Fique aqui como agradecimento aos que propiciaram inicialmente esta reflexão, agora dirigida a letrados e leitores em geral na aspiração de compartilhar o prazer da leitura literária. Assumo a primeira pessoa ao expor o percurso criativo, mantenho algumas marcas de oralidade, assim como um modo de citação livre, identificando apenas a autoria.

novo livro enquanto está literalmente lendo. E ainda fica melhor: Menard existiu fora do texto, na chamada “realidade”, e quando morreu foi encontrada sua obra oculta: uma cópia do *Quijote*!

Na verdade, quando lemos também nos tornamos autores e essa certeza, pela sua vez, transforma os sentidos e alcances da leitura nesta alta modernidade artística tão instigante que não só finge (consustancial à história da literatura), mas cultua explicitamente a função leitora, proclama e desenvolve ficcionalmente a autoria do leitor como grande tema de poética. Esse fingimento, também chamado ficção, resulta com frequência mais real que a realidade.

E, claro, nesta ordem de pensamento como não invocar a múltipla personalidade criativa de Fernando Pessoa. Escuto agora sua voz em “Autopsicografia”, talvez entre seus textos mais expressivos, quando sentencia: “O poeta é um fingidor / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente”. Essa identidade fingidora, inerente à ficção, desvela algo primordial: ao ler ficamos gozosamente perdidos na biblioteca infinita. Ou prazerosamente cativos em uma rede gigante, onde as grandes aranhas tecem seus fabulosos imaginários.

Então, para vocês, alunos e professores de Letras, quais são os significados da leitura literária? Deixo em aberto esta interrogante na procura de um possível fio neste diálogo no qual vamos pensar nossas próprias práticas leitoras.

Desde uma perspectiva autopoética² que explicitamente vincula leitura e escritura, diria que dedico minha vida a ler literatura, sem imperativos, por pura fascinação. E se escrevi algo de ficção declarada, foi porque lia. Para mim, a leitura significa alicerce vital, bálsamo, caminho insondável. Evidentemente já estamos no reino da metáfora (as minhas nada originais), lembrando que, embora a arte poética não possa ser reduzida à metáfora, sem ela a literatura e a língua não existiriam na sua riqueza comunicativa.

A leitura de ficção faz possível criar mundos alternativos, outros tipos de sujeitos e formas de vida, que podem ser fantásticos, verossímeis e até verazes, sem perder sua magia e mistério como ato imaginativo por excelência. A ficção permite ver por dentro, sair do tempo e do espaço, vislumbrar sentidos humanos. E, nunca em segundo lugar, a leitura oferece infinito prazer, salva do tédio e dos variados cataclismos do viver, resgata dos desastres da história, tanto magna como pessoal. Nela podemos alcançar todas as formas, ser livres e verdadeiros.

Na continuação gostaria de compartilhar uma experiência criativa como leitora e escriba de ficção. Sabemos que existem diversos modos de ler literariamente, não excludentes entre si. Apelando à história pessoal, confesso que desde a infância os livros me dominaram, depois fiz as escolhas dos deuses literários tutelares. Na condição de professora, leio desde a poética entendida aristotelicamente, pois persigo cosmovisões que se expressam nos modos compositivos e vice-versa, na verdade, constituem uma relação especular. Como em toda arte, a composição é essencial para escrever ficção.

Ao mesmo tempo, pratico a leitura hermenêutica, maiormente no entendimento de Paul Ricoeur: compreender e explicar na interpretação, que é o próprio discurso do leitor, capaz de criar inumeráveis, se bem não infinitas, significações. Muito me mobiliza a leitura no viés semiótico-pragmático na proposta de Umberto Eco, especialmente na sua caracterização do leitor semiótico: aquele que se pergunta sobre composição, funções, efeitos, focalizando o que fazemos com o texto e o que ele faz conosco.

A poesia, como gênero, atrai-me poderosamente, se bem que continuo eleitora de romances. Ler profissionalmente poesia assusta. Se a narratologia tem um arcabouço teórico impressionante, a poesia ficou mais na preceptiva, que sendo necessária, às vezes atrapalha ao classificar demais.

² Sobre autopoética, um breve comentário. María Clara Lucifora supõe uma postulação do programa de escritura, em textos reflexivos ou ficcionais. Dota o escritor de uma identidade ao criar um espaço privilegiado para a construção de sua figura autoral. Na visão de Laura Scarano, a autopoética (mais que o termo muito geral de poética) oferece valiosas pautas epistemológicas e metodológicas para o entendimento da função-autor. Mais que justificativa, implica a proclamação de pressupostos estéticos, espécie de projeto autoral explícito que focaliza o “si mesmo” nas diversas operações autorreferenciais.

Neste panorama, a poética cognitiva desenvolve atualmente formas de ler mais criativas na compreensão dos mecanismos que o leitor põe em funcionamento para instituir significados. Com esta intenção, estuda os efeitos cognitivos da perspectiva e os detalhes, a relação fundo-figura e muito especialmente os processos de categorização, patentes na teoria da metáfora (George Lakoff e Mark Turner, figuras destacadas) que privilegia suas funções cognoscitivas em diálogo com a neurociência, proposta que tento acompanhar no estudo do mundo textual construído pelo leitor.

Sem me identificar totalmente com a teoria literária feminista, mas apreciando suas notáveis contribuições, sou imantada pela autoria feminina, sobre mulheres escrevo e penso nas aulas. Silenciadas, esquecidas, apagadas na história da literatura, ainda hoje sua leitura continua sendo em não poucos casos uma tarefa arqueológica. Neste universo e como acredito que as escolhas são um direito inalienável do leitor, leio como meus alunos autoras extraordinárias: Safo, Virginia Woolf, Marguerite Yourcenar, Sor Juana Inés de la Cruz, Santa Teresa, Cecília Meireles, Adélia Prado, Clarice Lispector, Gwendolyn MacEwen, Maya Islas, Juana Rosa Pita, Fina García Marruz, Sophia de Mello Breyner Andresen, Rosario Castellanos, Blanca Valera, Alejandra Pizarnik (sem tentar o catálogo), figuras emblemáticas de um cânone heterodoxo e em movimento. No universo literário, e não só feminino, interesse-me pelas diversas formas da metaficção, especialmente autoficção e bioficção que, em reconhecimento a Marcel Schwob, prefiro chamar “vidas imaginárias”³.

Essa escolha não excludente da autoria feminina passa pela teoria, crítica e história da literatura. Acompanhando a leitura, escrevo sobre mulheres de palavras, sobretudo errantes. Elas poderão ser míticas, fantásticas, simbólicas ou de efeitos mais realistas, quase sempre heterodoxas, dissidentes, antidogmáticas em relação aos grandes poderes de suas épocas, motivadas pela busca de conhecimento no seio de cruciais trânsitos. Acredito no valor cognitivo da literatura, como indica Tzvetan Todorov: para que serviria, se não para conhecer melhor o mundo da vida e a nós mesmos.

Na dupla aventura de viver e escrever aparece de modo natural a experiência migrante. Sou parte da uma comunidade imaginada, portanto, a viagem espiritual, cultural, existencial que se desdobra nas literaturas em contato, está no cerne do imaginário. Meu mundo textual é diaspórico, migrante. Não dá para desconhecer que lemos com nossos olhos e desde nosso lugar de enunciação, o que nunca deveria limitar, mas alargar, nosso horizonte de expectativas. No movimento leitor, quando viajamos factual e simbolicamente, ao habitar diferentes espaços temporais, revelam-se constantes e variáveis da existência.

Grande desafio supõe a leitura na consciência de que as identidades não são fixas nem feitas, estão em movimento transfigurador. Como sabemos, a identidade não é essência, mas processo, um devir onde as misturas e fusões, as semelhanças e diferenças são constitutivas. Assim o trânsito leitor pela literatura comparada poderá ser uma das aventuras mais incitantes do ofício letrado.

No meu caso foi assim: da literatura cubana matriz ao universo da literatura ocidental. Desde a cultura alemã à redescoberta da cultura literária latino-americana, porque como pensava Alejo Carpentier, para olhar de perto, temos que ver na distância. Nos últimos anos essa viagem inclusiva vai da literatura brasileira ao universo da literatura sem fronteiras, tal como aparece no livro *Oficio de lectora*⁴.

Nessa dimensão transcultural e transnacional tão enriquecedora, acompanha-me a voz ímpar de Cecília Meireles, quando em *Cânticos* mostra um original caminho para o autoconhecimento: “Vê a tua vida em todas as origens. / Em todas as existências”, “Renova-te. / Renasce em ti mesmo”, “Sê sempre o mesmo. / Sempre outro”.

³ Sobre poética das vidas imaginárias, a tese de doutorado de Yuly Paola Martínez Sánchez, “Ficción biográfica de escritor en la narrativa latinoamericana”, destaca-se pela valiosa contribuição tanto teórica como na interpretação textual.

⁴ *Oficio de lectora* reúne um conjunto de ensaios escritos nos últimos anos no marco da docência e pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Os estudos incluem os autores: José Martí, Juana Rosa Pita, Alina Galliano, Maya Islas, Dulce María Loynaz, Cecília Meireles, Adélia Prado, Clara Janés, Ana Miranda, Clarice Lispector, Mabel Cuesta, Félix Luis Viera. Interesse-me por escritura autoficcional transnarcisista e autopoética, vidas imaginárias, memória e imaginação, poéticas da viagem transcultural, teorias da literatura em diáspora.

Assim quando escrevo, imagino outras, na aspiração de vislumbrar na diferença. Esses reflexos especulares de identidade e alteridade na busca de uma totalidade contraditória incentivam uma ação criativa em expansão, rizomática. Nessa interface de eu-outras foram escritos dois livros de leitoras, de mulheres de letras que têm sua origem em livros e dão vida a eles. Como estão intimamente ligados entre si e são expressivos do tema desta palestra, a seguir detenho-me em *Las Otras (Antología mínima del Silencio)* e *Escribas*, tentando falar mais especificamente, para não ficarmos na abstração teórica.

Las Otras nasce da falta. Desejava escrever sobre a condição diaspórica na qual o sujeito deve recriar suas identidades. Como em toda diáspora, a consciência da origem estava muito presente, mas também a disseminação. No entanto, o livro não se deixava escrever. Então me voltei para minha experiência leitora, se bem que em uma dimensão lúdica: inventei uma antologia de mulheres poetas. Empreendi um divertido jogo de ficção misturando figuras de referente histórico com outras mais livremente inventadas e até aparece uma com meu nome.

Nessa antologia apócrifa, Safo é figura tutelar recriada pelo olhar fascinado de suas discípulas. Sucessivamente, mas sem ordem temporal, foram se apresentando as outras. Nessa invenção, as brasileiras têm marcas peculiares. Carla Teresinha de Souza deixa testemunho literário em uma quase perdida aldeia marítima; enquanto Gertrudes da Veiga atreve-se a rimar quartetos, rendendo culto à poesia nativista do Sul. Nas antípodas, uma baiana, cujo sobrenome não é por acaso Alves, faz um autorretrato (Yo) e uma vida imaginária mítica (Iansã), integrando mitologia ioruba e história da escravidão na autocriação:

**Denise Ieda Alves
(Brasil, 1951)**

Yo/Iansã

No soy un cuerpo.
Soy la caza fiera
aquella nave
y la memoria partida
del origen más allá
del origen.
Me cortaron la lengua
me desgarraron el sexo
mis pechos de leche
y el placer del placer
me fueron secuestrados.
Cerraron la cueva húmeda
donde hacía mí volvía.
Me dejaron vestida.
Discursante
pero muda
vacía.
Ay de mi olor de fiera.
Ay de mi pelo furioso.
Ay de mis labios profundos.
Ay de mi vientre henchido.
Soy un camino dilacerado
sangrante.
Soy la las aguas
que corren
la simiente sin nombre
y la libertad de un día.

Soy mi cuerpo veloz.
 con todos los colores
 engalanado
 y la mirada absoluta.
 Soy la esposa del trueno
 la guerrera y la guerra
 justa.
 Soy el viento
 fulminante.
 Contra mí nada puede:
 más allá del miedo
 es mi casa.
 Tendido está mi lecho
 de turbulentas aguas.
 Y entre mis piernas
 el placer es un río.
 Nací en una isla
 Y a ella volví dividida.
 Soy dueña de los muertos
 aunque mi lugar es la vida.
 Arrasante y rasgada
 traigo la renovación sin fin.
 Soy la tempestad
 y la armonía.
 Soy el camino inconcluso
 la memoria abierta
 y la libertad de un día. (p. 53-54)

No caso das cubanas, elas não podem escapar à obsessão da Ilha, real e mitificada, como autoras de uma transnação: nação translaticia, que viaja. Por exemplo, esta poeta que vive o exílio, imaginário constante não só na literatura cubana:

Calixta Rey
(Cuba, 1895-1951)

Quasisoneto

Sueño velado: destierro,
 ceiba que cobijas calma.
 Halle reposo el viajero
 solo a la sombra del ala.

Huérfanos de la tierra amada
 sin el signo y el mandala.
 De la infinita luz refractada,
 apenas la sombra del ala.

No nos engañe el camino
 que la errancia es partida,
 pero también llegada.

Ítaca fulgura dividida
 en cien cristales de fuego.
 Y solo la sombra nos salva. (p. 44)

Sem poder, a partir da ausência, escrevi um livro sobre mátria e errância ou, ainda melhor, imaginei que o havia escrito. As figuras da antologia – sombras ou duplos de inumeráveis autoras “reais” lidas como parte do trabalho acadêmico⁵ – estão dotadas do escuro esplendor de uma existência subterrânea, soterrada pelos poderes de cada época. Mas a poesia dá voz ao silêncio, é uma secreta memória compartilhada que desde a alteridade celebra as identidades sem limites.

Anos depois, na tentativa de ir além da discussão sobre as doses de “verdade” na história e na ficção, escrevi *Escribas* (escrevo que escrevo), narrativa de uma leitora do *corpus* fascinante das vidas imaginárias na literatura ocidental e na literatura latino-americana (Jorge Luis Borges, Silvano Santiago, Ana Miranda, Aldyr Schlee, Mario Vargas Llosa, Leonardo Padura, entre outros). Meu interesse voltou-se para as vidas, mas de mulheres heterodoxas no esforço do conhecimento na escritura e, portanto, também grandes leitoras.

O livro mistura bioficção e autoficção, narrativa e poesia, reflexão e autorreflexão. Consequentemente sua estrutura dupla, “Histórias de *Escribas*” e “Escrituras de A”, vai tecendo uma trama metaficcional na tentativa de reler aspectos da história da cultura letrada e do livro, protagonizada por mulheres que nos umbrais da escritura – copistas, calígrafas, poetas, místicas, visionárias – ou na eternidade sempre atual do mito, conformam uma linhagem.

Nesse conjunto, destaco a Enheduanna. Se bem o termo autoficção é recente, a prática autoficcional constitui uma pulsão arcaica, tanto que Vincent Colonna remete sua origem a Luciano de Samósata (século II d. C.). Mas aqui vale uma pequena revisão histórica: o primeiro autor, significativamente “autora”, com nome reconhecido na história da literatura é Enheduanna, a qual escreve no século XIX a. C. Em *Escribas*, aparece desta maneira:

Yo, Enheduanna, ahora resplandezco en la historia de la cultura. Mi vida se enmarca en el imperio acadio de los sargónidas, fundado por mi padre Sargón, que habrá de durar más de un siglo. Es la época en que la primera lengua culta conocida, el acadio, a su vez basado en el sumerio, se expande a toda Mesopotamia como punto de partida de numerosas lenguas. Comienzo a escribir apenas 350 años después de la escritura estar constituida. Mi tempo es el alba. (p. 26)

Depois de contar os percalços de uma vida muito conturbada e resenhar sua obra, Enheduanna ainda nos desafia:

Me autorretrato y firmo, transgrediendo la práctica acadia de la exclusión. Junto a los dioses, figuro mi persona con sus ambigüedades y plurales. Enriquezco los ritos, invento una liturgia, la de la autosacralización. Dejo atrás la teogonía doctrinaria abstracta para realizar una mitificación mucho más fantástica que incluye mi ser y existencia. Significo el inicio explícito del yo en la escritura, que no ha tenido fin y hoy tiene nombres innumerables.

Sin embargo, aunque me muestro y duplico en espejos de todo tipo, o quizás por eso mismo, mis poemas son un juego de ocultamiento y exhibición en los que yo, autora y personaje, pudiera ser la representación más enigmática. Así, cuando digo a Inanna, “¿Quién puede entenderte?”, también me estoy preguntando. (p. 31-32)

Junto às *escribas*, uma autora chamada A faz autoficção ao mesmo tempo que desenvolve algumas ideias sobre leitura-escritura e as “Histórias de *Escribas*” que está escrevendo. No final do fragmento XXI, A pensa a escritura que parece não ter espaço nos tempos sombrios, embora talvez

⁵ O livro *Poesía insular de signo infinito*: una lectura de poetas cubanas de la diáspora foi resultado de um pós-doutorado dirigido por Zilá Bernd, que contou também com a orientação de Simon Harel (Université du Québec à Montréal). Nele apresento um panorama da poesia de autoria feminina da diáspora cubana, estudos monográficos e conversações com Juana Rosa Pita, Alina Galliano e Carlota Caulfield, ao mesmo tempo que leio teoria da literatura da diáspora, sobretudo canadense contemporânea.

seja aí onde paradoxalmente revela seus mais abrangentes sentidos:

Escribo para llegar al fin de mi deseo. Por ejemplo: crear una isla con palabras. Nada original, en realidad lo hacemos casi todos los que perdemos islas. Después, y ya estoy en terreno más hipotético, se puede llegar a la *polis* para decir lo que nunca dijimos, dije, en voz alta. Nadie escucha. Al final, y en modo alguno conclusivo, será posible entrever una forma, hasta entender que las palabras escritas solo han sido signos de algo que debería excederlas, trascenderlas y no acontece. Un punto de fuga del deseo sin fin.

La escritura comienza cuando son abandonados los propósitos y se vislumbra el silencio abismal, que no es un no ser, sino una plenitud vacía, donde ahora caben todas las palabras. (p. 93)

Estas autoras escrevem de modo transnarcisista. Habitadas pela obra “por vir”, saem de si na pulsão criativa. Nesse desafio, reiteram-se as perguntas do sujeito imerso na viagem simbólica: quem sou, por que escrevo, como habito a realidade. Tudo convida à autorrevelação. Evidentemente o ciclo de partidas e regressos não se fecha, forma uma espiral.

Nas “Escrituras de A”, a viagem é onipresente, porque sendo marca de qualquer tempo e especialmente do nosso, tem muito a ver com a experiência vital de quem assina o livro; mas cuidado de não confundir quem fala no livro com quem assina; nem quem se proclama autora, com quem existe. Chegado a este ponto, escuto a voz de um autor criado por Clarice Lispector no livro *Um sopro de vida*, o qual falando conosco, seus leitores, adverte: “Não é autobiográfico, vocês não sabem nada de mim. Nunca te disse e nunca te direi quem sou. Eu sou vós mesmos”.

Visto de conjunto este ofício de leitora-escriba, evidencia-se que tudo gira em torno à desafiante identidade, talvez alusiva ao próprio viver. Nesse sentido, posso dizer que ao ler, meditei, sanei, padeci, vi, reconheci, voe e andei por obra da palavra literária. Experimentei anagnóris e catarses, aquelas clássicas funções que qualquer leitor reconhece. Foi a que era, a que tentava ser, a que nunca fui. E retomando o princípio deste diálogo, como diz Pessoa de modo insuperável, fingi tanto que acabei acreditando, com fé poderosa, na ficção.

Assim, imaginei – e continuo imaginando – mulheres de palavras de diversas origens e trajetórias que dialogam consigo, com a outra que as escreve, com os que as leem. Ademais conheci mundos e autores através de Menard, Alberto Caeiro, Macabéa, Solombra (enumeração sempre inconclusa), projetados à série interminável da leitura-escritura. Até, atrevidamente, ensaio aqui, neste texto, uma autopoética provisória que compartilho com vocês. Como leitora que escreve especulei, tramei, teci. Aprendi a voar e mergulhar. Encarei uma partida com a morte e sigo viva, amando o dia.

Hoje reconheço o socrático “conhece-te a ti mesmo” como desafio principal daquele leitor ideal – apaixonado, advertido, criativo – que tentamos ser. Ao me perguntar e perguntando, continuo a ler e escrever, embora nem sempre alcance a ouvir uma resposta. E persisto na busca de sentidos a desvendar e criar no percurso de um caminho que, espelhando o ofício de leitora, não tem fim...

Referências

BOLAÑOS, Aimée G. *Las Otras (Antología mínima del Silencio)*. Madrid: Torrezoas, 2004.

_____. *Poesia insular de signo infinito: una lectura de poeta cubanas de la diáspora*. Madrid: Betania, 2009.

_____. O imaginário do eu nas escrituras transculturais: propostas do pensamento quebequense atual. In: BERND, Zilá (Org.). *Imaginários coletivos e mobilidades (trans)culturais*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

_____. Diáspora. In: BERND, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.

_____. *Escribas*. Madrid: Betania, 2013.

- _____. *Oficio de lectora*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2016.
- BORGES, Jorge Luis. *Prólogos con un prólogo de prólogos*. Buenos Aires: Torres Agüero, 1975.
- _____. *Obras completas 1923-1972*. Buenos Aires: Emecé, 1974.
- CARPENTIER, Alejo. *Tientos y diferencias*. México D. F.: Universidad Autónoma de México, 1964.
- COLONNA, Vincent. *Autofiction & autres mythomanies littéraires*. Paris: Tristram, 2004.
- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: Chicago University Press, 1989.
- LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.
- LUCIFORA, María Clara. Las autopoéticas como máscaras. *RECIAL – Revista del Ciffyh Área Letras*, Córdoba, v. 6, n. 7, p. 115-137, 2015.
- MARTÍNEZ SÁNCHEZ, Yuly Paola. *Ficción biográfica de escritor en la narrativa latinoamericana*. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2018.
- MEIRELES, Cecília. *Cânticos*. São Paulo: Moderna, 1982.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972.
- RICOEUR, Paul. *Sí mismo como otro*. Madrid: Siglo XXI, 1996.
- _____. *Del texto a la acción*. México D. F.: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- SCARANO, Laura. Escribo que escribo: de la metapoesía a las autopoéticas. *Tropelías*, n. 2, p. 133-152, 2017.
- SCHWOB, Marcel. *Vidas imaginárias*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.

Recebido em: 16 maio 2020.

Aprovado em: 1º jun. 2020.